

Série Bom Livro



*Joaquim Manuel de Macedo*  
**A LUNETTA MÁGICA**

TEXTO INTEGRAL

**ea**  
editora ática

## *A luneta mágica*

|                         |   |
|-------------------------|---|
| Editor                  | Fernando Paixão   |
| Assessora editorial     | Carmen Lucia Campos                                     |
| Colaboração pedagógica  | Ermani Leopoldino de Andrade<br>Antonio Carlos Olivieri |
| Coordenadora de revisão | Ivany Picasso Batista                                   |
| Revisora                | Ana Luiza Couto   |

### **Arte**

|                        |                      |
|------------------------|----------------------|
| Projeto gráfico        | Ary A. Normanha      |
| Ilustração da capa     | Natália Forkat       |
| Pesquisa iconográfica  | Iconographia         |
| Editografia eletrônica | Carla Almeida Freire |

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

M1191

Macedo, Joaquim Manuel de, 1820-1882  
A luneta mágica / Joaquim Manuel de Macedo - 10.ed.  
- São Paulo : Ática, 1999.  
184. : (Bom Livro)

Apêndice  
Acompanhado de suplemento de leitura  
ISBN 978-85-08-05265-3

1. Romance brasileiro I. Título. II. Série.

11-8153. CDD 869.93  
CDU 821.134.3(81)-3

---

ISBN 978 85 08 05265-3

2012

10ª edição

13ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática.  
Av. Otaviano Alves de Lima, 4400 – CEP 02909-900 – São Paulo, SP  
Atendimento ao cliente: 4003 3061 – atendimento@atica.com.br  
www.atica.com.br – www.atica.com.br/educacional

**IMPORTANTE:** Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



---

# A ótica irônica de *A luneta mágica*

Antonio Carlos Olivieri

*Quem não gostaria de ler o pensamento das outras pessoas e descobrir, por trás das palavras que elas dizem, as coisas em que realmente estão pensando? Tal poder telepático seria muito útil para descobrir o que é verdade e o que é mentira, sinceridade e falsidade. Mas esse tipo de telepatia traria também muitas decepções.*

*É com base nesse desejo ou fantasia, atraente para qualquer um, que Joaquim Manuel de Macedo escreve A luneta mágica, romance que foi publicado em 1869 e que muito difere de seus livros mais conhecidos (A Moreninha e O Moço Loiro). Nessas duas obras famosas, o autor conta histórias de amor, e sua intenção é levar o leitor, emocionado, aos suspiros ou às lágrimas. Na Luneta, Macedo procura o riso do público.*

*Seu personagem principal, Simplício, consegue realizar a*

*fantasia já mencionada: obtém um monóculo (luneta, na linguagem da época) fantástico, ou mágico, com o qual consegue ver além das aparências. No caso de Simplício, porém, enxergar mais que os outros não é um desejo motivado por simples curiosidade. Ver mais é uma necessidade, pois esse estranho personagem é “duplamente míope”. Sua miopia não se limita aos “olhos do corpo”, atinge também os “olhos da mente”; em suas próprias palavras (é o próprio Simplício quem narra a história), ele é “míope física e moralmente”.*

*O dom telepático, entretanto, acarreta decepções; no caso de Simplício, mais que o fim de seus problemas, enxergar a verdade e a mentira transforma-se no início de uma sucessão de trapalhadas, cuja solução só aparecerá no final do romance a nossos olhos.*

*Para curar as duas miopias de que sofre, Simplício procura um misterioso feiticheiro armênio, que lhe dá uma luneta com a qual ele consegue perceber o Mal que se esconde no íntimo das pessoas, particularmente do irmão, da tia e da prima, com os quais vive. O Mal é bem maior do que o infeliz, em sua miopia mental, poderia imaginar. Descobri-lo em sua verdadeira dimensão deixa o personagem ainda mais desolado do que estava quando não podia enxergá-lo.*

*Por isso, ele procura novamente o armênio. O mágico lhe fornece novo monóculo, que, dessa vez, proporciona a “visão do Bem”. Simplício, porém, está longe de ter seus problemas resolvidos. Antes, eles se tornam mais complexos, pois com a nova luneta o personagem vê agora o Bem onde antes tinha enxergado o Mal. Mas, se Simplício pode ver o Mal no Bem e o Bem no Mal, fica tudo como era antes, quando não via nem Bem nem Mal. Complicado? Certamente, e é por isso que a solução será, mais do que ver, distinguir entre o Bem e o Mal. Afinal de contas, esses dois conceitos são extremamente relativos.*

*Como se vê por esse breve resumo, A luneta mágica é uma espécie de fábula ética, em que Macedo reflete sobre as ideias de Bem e de Mal, com o intuito de extrair de sua história uma moral, justamente a relatividade dos dois conceitos.*

*Para o leitor de hoje, talvez não haja nem novidade nem profundidade na conclusão do autor. De qualquer modo, o encanto do livro não se encontra em seu aspecto filosófico, mas no fato de que a fábula não se*

*ambienta numa época mágica, nem nela atuam criaturas fantásticas como fadas ou príncipes.*

*Ao contrário, o romance se passa no Rio de Janeiro, a capital do Império brasileiro no século XIX, e seus protagonistas são personagens típicos desse universo, como é o caso do mano Américo, político dos mais oportunistas. Trata-se de uma realidade sociocultural que o autor sabe documentar muito bem, já que foi um observador atento dos usos e costumes do tempo em que viveu.*

*Assim, o texto de Joaquim Manuel de Macedo tem acentuado caráter de crítica social e de costumes, o que aumenta a importância do livro, principalmente em termos históricos. Macedo é um pioneiro do romance na literatura brasileira, e A luneta mágica é um de nossos primeiros livros a apresentar uma visão crítica da realidade do país, ao lado de Memórias de um sargento de milícias, de Manuel Antônio de Almeida. É essa visão crítica, alicerçada no humor e na ironia, que, cerca de uma década depois, será desenvolvida por um admirador de Macedo chamado Machado de Assis e atingirá a genialidade.*

*Afora tudo isso, há ainda outro fator positivo, que não apenas pesa a favor da obra e do escritor mas também garante que a leitura de A luneta mágica permaneça agradável, passados mais de cem anos de sua primeira publicação: o humor do texto não envelheceu. Seus efeitos cômicos continuam a provocar nossas risadas, enquanto nos ensinam como viviam e pensavam nossos antepassados, além de nos lembrar a relatividade das noções de Bem e de Mal. ■*

# SUMÁRIO

---

## PRIMEIRA PARTE

### INTRODUÇÃO 11

I ■ 11

II ■ 12

III ■ 12

IV ■ 14

V ■ 15

VI ■ 17

VII ■ 18

VIII ■ 20

IX ■ 22

X ■ 23

XI ■ 25

XII ■ 26

XIII ■ 27

### VISÃO DO MAL 31

I ■ 31

II ■ 32

III ■ 32

IV ■ 33

V ■ 35

VI ■ 36

VII ■ 39

VIII ■ 40

IX ■ 40

X ■ 42

XI ■ 43

XII ■ 45

XIII ■ 46

XIV ■ 48

XV ■ 49

XVI ■ 51

XVII ■ 51

XVIII ■ 52

XIX ■ 53

XX ■ 54

XXI ■ 56

XXII ■ 56

XXIII ■ 57

XXIV ■ 59

XXV ■ 60

XXVI ■ 61

XXVII ■ 61

XXVIII ■ 63

XXIX ■ 63

XXX ■ 65

XXXI ■ 66

|         |   |    |
|---------|---|----|
| XXXII   | ■ | 67 |
| XXXIII  | ■ | 68 |
| XXXIV   | ■ | 69 |
| XXXV    | ■ | 69 |
| XXXVI   | ■ | 70 |
| XXXVII  | ■ | 70 |
| XXXVIII | ■ | 71 |
| XXXIX   | ■ | 72 |
| XL      | ■ | 72 |
| XLI     | ■ | 73 |
| XLII    | ■ | 74 |
| XLIII   | ■ | 76 |
| XLIV    | ■ | 77 |
| XLV     | ■ | 77 |
| XLVI    | ■ | 79 |
| XLVII   | ■ | 80 |
| XLVIII  | ■ | 80 |
| XLIX    | ■ | 81 |
| L       | ■ | 81 |

## **SEGUNDA PARTE**

|              |       |
|--------------|-------|
| INTRODUÇÃO   | 83    |
| I            | ■ 83  |
| II           | ■ 84  |
| III          | ■ 85  |
| IV           | ■ 86  |
| V            | ■ 87  |
| VI           | ■ 88  |
| VII          | ■ 90  |
| VIII         | ■ 93  |
| IX           | ■ 94  |
| X            | ■ 96  |
| XI           | ■ 98  |
| XII          | ■ 101 |
| VISÃO DO BEM | 103   |
| I            | ■ 103 |
| II           | ■ 105 |
| III          | ■ 105 |
| IV           | ■ 107 |
| V            | ■ 108 |
| VI           | ■ 110 |
| VII          | ■ 111 |
| VIII         | ■ 115 |
| IX           | ■ 118 |
| X            | ■ 120 |
| XI           | ■ 122 |
| XII          | ■ 124 |
| XIII         | ■ 125 |
| XIV          | ■ 127 |
| XV           | ■ 128 |

|        |   |     |
|--------|---|-----|
| XVI    | ■ | 130 |
| XVII   | ■ | 132 |
| XVIII  | ■ | 133 |
| XIX    | ■ | 134 |
| XX     | ■ | 135 |
| XXI    | ■ | 136 |
| XXII   | ■ | 137 |
| XXIII  | ■ | 138 |
| XXIV   | ■ | 140 |
| XXV    | ■ | 141 |
| XXVI   | ■ | 143 |
| XXVII  | ■ | 145 |
| XXVIII | ■ | 150 |
| XXIX   | ■ | 151 |
| XXX    | ■ | 153 |
| XXXI   | ■ | 156 |

**EPÍLOGO 159**

|     |   |     |
|-----|---|-----|
| I   | ■ | 159 |
| II  | ■ | 160 |
| III | ■ | 162 |
| IV  | ■ | 164 |
| V   | ■ | 164 |
| VI  | ■ | 165 |

**■ VIDA & OBRA**

**DE JOAQUIM MANUEL DE MACEDO**

Nasce o romance para o público brasileiro





# **A LUNETA MÁGICA**



# PRIMEIRA PARTE

---

## INTRODUÇÃO

---

■

Chamo-me Simplício e tenho condições naturais ainda mais tristes do que o meu nome.

Nasci sob a influência de uma estrela maligna, nasci marcado com o selo do infortúnio.

Sou míope; pior do que isso, duplamente míope, míope física e moralmente.

Miopia física: — a duas polegadas de distância dos olhos não distingo um girassol de uma violeta.

E por isso ando na cidade e não vejo as casas.

Miopia moral: — sou sempre escravo das ideias dos outros; por que nunca pude ajustar duas ideias minhas.

E por isso quando vou às galerias da câmara temporária ou do senado, sou consecutiva e decididamente do parecer de todos os oradores que falam pró e contra a matéria em discussão.

Se ao menos eu não tivesse consciência dessa minha miopia moral!... mas a convicção profunda de infortúnio tão grande é a única luz que brilha sem nuvens no meu espírito.

Disse-me um negociante meu amigo que por essa luz da consciência represento eu a antítese de não poucos varões assinalados que não têm dez por cento de capital da inteligência que ostentam, e com que negociam na praça das coisas públicas.

— Mas esses varões não quebram, negociando assim?... perguntei-lhe.

— Qual! são as coisas públicas que andam ou se mostram quebradas.

— E eles?...

— Continuam sempre a negociar com o crédito dos tolos, e sempre se apresentam como boas firmas.

Na cândida inocência da minha miopia moral não pude entender se havia simplicidade ou malícia nas palavras do meu amigo.



---

## II

Aos doze anos de idade achei-me no mundo órfão de pai e de mãe.

Eu estava acostumado a ver pelos olhos de minha mãe, a pensar pela inteligência de meu pai; fiquei, pois, nas trevas dos olhos e da razão.

Meus pais eram ricos, e deviam deixar-me, deixaram-me por certo, avultada fortuna; quanto, não sei: meu irmão mais velho que tomou conta dos meus bens, minha tia Domingas que tomou conta da minha pessoa, e minha prima Anica que se criou comigo e que é um talento raro, pois até aprendeu latim, hão de saber disso melhor do que eu.

Dizem eles que a minha fortuna vai a vapor, ignoro se para trás se para diante, porque os barcos e carros a vapor avançam e recuam à custa do gás impulsor; mas o meu amigo negociante declarou-me que por certas razões que não compreendo, nas quais, também não sei por que, entra a pessoa da prima Anica, devo confiar muito no zelo da tia Domingas.

E eu confio nela o mais possível; porque é uma senhora que anda sempre de rosário e em orações e que tendo alguma coisa de seu, apesar de tão religiosa, não deu nem dá um vintém de esmola ao pobre que lhe bate à porta, pretextando sempre que tem muita vontade de fazer esmolas evangélicas; porém que ainda não achou meio de esconder da mão esquerda o óbolo da caridade pago pela mão direita.

Estou tão profundamente convencido da pureza dos sentimentos religiosos da tia Domingas, que desde que ela tomou conta de mim, vivo em sustos de que algum dia a piedosa senhora mande amputar a mão esquerda para conseguir dar esmolas com a mão direita, conforme o preceito evangélico de que em sua santa severidade não quer prescindir.



## III

Aos dezoito anos de idade comecei a compreender todas as proporções da minha desgraça dupla: chorei, lastimei-me, pedi médicos para os meus olhos, e mestres para minha inteligência.

À força de muito rogar e bradar consegui que me dessem uns e outros.

Os mestres ganharam o seu dinheiro e eu quase que perdi todo o meu tempo com eles; porque bem pouco lucrei no empenho de combater a minha miopia moral.

O mais hábil dos meus professores declarou-me no fim de quatro anos que um mancebo tão rico de cabedais como eu era, podia bem reputar-se literato de avantajado merecimento, sabendo ler, escrever e as quatro espécies da aritmética.

Convencido sempre que só me diziam a verdade, e tendo conseguido saber, aos vinte e dois anos de idade, ler mal, escrever pior, e fazer com a maior dificuldade as quatro espécies da aritmética, mandei embora o hábil professor, e fiquei literato.

Os médicos falaram-me em córnea transparente, em cristalino, em raios luminosos muito convergentes, em retina, e não sei em que mais, e acabaram por dizer-me que aos sessenta, ou setenta anos de idade, eu havia de ver muito melhor.

Dos médicos *alopatas*<sup>1</sup> recebi esta consolação de melhor visão aos setenta anos, se estivesse vivo; dos *homeopatas*<sup>2</sup> não sei se me deram o cristalino em glóbulos, ou os raios convergentes em tintura; mas o fato é que em resultado de dez conferências e de vinte tratamentos diversos não vi uma linha adiante do que via, e apenas posso gabar-me de não ter ficado cego com a luz de tanta ciência.

O meu desgosto foi aumentando com os anos.

Meu irmão, que é um santo homem, me dizia:

— Consola-te, mano; tudo tem compensação: a tua miopia é uma desgraça; mas porque és míope não vês como são bonitos os bordados da farda de um ministro de Estado, e portanto não te exasperas por não poder ostentá-los.

Convém saber que meu irmão saiu eleito deputado na última designação constitucional, e mandou fazer a sua librê parlamentar ainda antes de ser reconhecido representante legítimo do povo soberano que anda de paletó e de jaqueta.

Deste fato e da sua observação concluí eu em minha simplicidade que o mano Américo vive doido por ser ministro para fazer o bem da pátria.

E não é só ele; a prima Anica já sonhou três vezes com mudança de gabinete, e com correios e ordenanças à porta de nossa casa.

Inocente menina! é um anjo: os seus sonhos são piedosos como as vigílias da tia Domingas, sua mãe, e patrióticos, como os cálculos do mano deputado; ela diz com virginal franqueza que tem meia dúzia de parentes pobres a arranjar, quando o mano Américo for ministro.

Meia dúzia só!... Que abnegação e que desinteresse da prima Anica!

---

<sup>1</sup> *Alopatas*: Médicos que combatem as doenças por meios contrários a elas; procuram conhecer a origem das moléstias e combater suas causas. (N.E.)

<sup>2</sup> *Homeopatas*: Médicos que acreditam poder curar as doenças aplicando pequenas doses de drogas que são capazes de originar, nas pessoas sãs, sintomas idênticos aos da doença a tratar. (N.E.)

Ela está se tornando tão profundamente religiosa como a tia Domingas. Já fez um ponto de fé deste suavíssimo princípio: “*a caridade deve começar por casa*”.

---

## IV

O mano Américo tem sempre aberta para mim uma fonte perene de consolações; persegue-me, porém, a infelicidade de não saber apreciar bastante a sabedoria, que fala pelos lábios de meu irmão.

Já disse como ele me consolava da minha miopia física; pois bem: a sua bondade ia além; quando me ouvia tristes queixas da minha miopia moral, me apertava as mãos, e falava assim:

— Agradece a Deus esse infortúnio; estás livre de desgostos sem conta, de responsabilidades sem número, e de tormentos sem tréguas; tu não sabes pensar; mas eu penso por ti e por mim; tu mal dirigirias os teus negócios; mas eu dirijo os teus e os meus negócios; tu sofres muito menos do que eu soffro; porque eu soffro por ti e por mim.

Que alma santa a de meu irmão!

E todavia quando isso ouço, lembra-me que o mano Américo foi o testamenteiro e inventariante nomeado por meus pais, e que até hoje está de posse das minhas heranças, que ele emprega e zela, certamente só em meu proveito, mas sem me dizer como, nem jamais dando-me contas; e portanto pensando, negociando e soffrendo por mim o meu pobre irmão!

Dói-me tamanho sacrificio! ah! se eu conseguisse tomar para mim metade dos trabalhos e soffrimentos do mano Américo... a minha metade só... para ele não soffrer por mim!

Porém se por acaso manifesto de leve esse desejo, alvoroça-se o amor fraternal, meu irmão se enternece, me abraça e diz:

— Inocente Simplicio! não serei tão egoísta que te abandone às ciladas dos homens sem consciência, que devorariam a tua fortuna. A minha dedicação é na verdade pesada; mas é um dever e Deus a abençoa.

Vejo-me, pois, obrigado a ficar devendo ao mano Américo o favor de tomar conta da minha fortuna, e de empregá-la por mim.

E como é ingrata a humanidade! já cheguei a suspeitar que a dedicação do mano é mais suave do que ele diz.

A primeira vez que me confessar hei de perguntar ao padre, se Deus abençoa tais dedicações fraternais; é este um ponto que deve ser esclarecido para que seja mais doce a submissão dos irmãos míopes.

# V

Minha tia também me faz ouvir consolações, e sempre conforme as suas ideias religiosas.

Para ela a minha miopia física é um imenso benefício da providência, que assim menos exposto me deixou às tentações do diabo, que ataca o pecador pelos olhos; e a minha miopia moral ainda mais precioso dom, porque *dos pobres de espírito é o reino do céu*<sup>3</sup>.

A lógica piedosa da tia Domingas seria capaz de levá-la a rezar para que eu me tornasse surdo, mudo e paralítico, a fim de ser completa a minha bem-aventurança na terra.

Em consequência deste receio nunca disse amém às consolações místicas de minha tia.

Ainda tenho uma terceira fonte de consolações; essa, porém, ao menos é mais poética.

A prima Anica é perdida pelos *apólogos*<sup>4</sup>; quando pode explicar-se por meio deles, não se explica de outro modo: o apólogo é o seu capricho de moça.

Além disso ninguém como ela se empenha tanto e mais habilmente em agradar-me; sabendo que quase não vivo pelos olhos, procura recomendar-se, açucarando a voz, e usando de perfumes suavíssimos.

Às vezes e quando tem ocasião faz-me também ouvir apólogos.

Um dia em que como de costume lastimava a minha desdita, que então nem me deixava distinguir as flores do jardim, onde ambos passeávamos, colheu ela duas flores, uma rosa de Alexandria, e uma angélica, e deu-mas para que eu as reconhecesse.

Aproximei muito dos olhos as duas flores para apreciar suas cores e um espinho da rosa feriu-me a ponta do nariz, e aí ficou preso.

— Repara no que te ensina a rosa, disse Anica; repara e compreende quanto te pode aproveitar a miopia: as flores que mais almejas distinguir e admirar não são as do nosso jardim, são as que enfeitam e enchem de magia os salões das sociedades, que não frequentas, são as jovens

<sup>3</sup> *Dos pobres de espírito é o reino do céu*: O autor deturpa o sentido e usa ironicamente essas palavras de Cristo, que podem ser encontradas no famoso sermão da montanha (Mt, V, 3). No Evangelho de S. Lucas, a frase aparece assim: "Bem-aventurados vós os pobres, porque vosso é o reino de Deus". (Lc, VI, 20.) Os cristãos sempre interpretaram essa passagem como sendo: Bem-aventurados os que têm espírito de pobres... O autor usa essa expressão, proposadamente, com o sentido de ignorantes, idiotas, ingênuos, simplórios. (N.E.)

<sup>4</sup> *Apólogos*: Alegorias em que figuram, como personagens animados, animais ou coisas inanimadas. Têm sempre um fundo moral. (N.E.)

formosas com que sonhas em sonhos doidos de amor ainda mais doido; essas, porém, assemelham-se à rosa de Alexandria, têm espinhos que te despedaçariam o coração.

Anica interrompeu-se por breves instantes para suspirar; eu ouvi o suspiro, e ia perguntar-lhe, na minha simplicidade, se estava incomodada, quando ela continuou, dizendo:

— Contenta-te, pois, com a angélica que é suave ao tato e que te pode embalsamar a vida do retiro com o perfume do amor e da virtude.

Fiquei mudo: tinha compreendido o apólogo apesar da minha miopia moral.

Anica fez talvez um esforço para vencer o pudor e perguntou-me:

— Sabes quem é a angélica?...

Instintivamente me fingi mais pobre de espírito do que sou, e respondi perguntando:

— A angélica? pois não é aquela flor que me deste?...

Deixamos o jardim: eu saía dele com um espinho de roseira na ponta do nariz, e Anica provavelmente com o espinho da minha indiferença no seio.

Senti que chegara a ser cruel; mas eu nem sabia se Anica era bonita ou feia; porque nunca pudera ver-lhe distintamente o rosto: se fosse bonita não seria o seu amor a mais doce consolação para mim?

Tive uma ideia inspirada metade pela gratidão, metade pela curiosidade maliciosa, a ideia de ver se Anica era bonita ou feia, se me seria possível amá-la. Chegando à sala, sentei-me e pedi à prima que me tirasse o espinho da ponta do nariz.

A inocente moça prestou-se a fazer a fácil operação: armou-se da tesoura mais delicada que achou, com os macios dedos da mão esquerda segurou-me o nariz, com a mão direita dirigiu a ponta da tesoura, e cuidadosamente ocupada em extrair-me o espinho chegou seu rosto tão perto dos meus olhos que mais não era possível.

Durante três ou quatro minutos vi, distingui, apreciei suficientemente o rosto de Anica... não era o rosto com que eu sonhava, não era o das descrições das heroínas dos romances que me tinham lido... não era.

O rosto da prima Anica é muito respeitável; mas em consciência está muito longe de ser angélico.

A prova de que é muito respeitável está em que não tive necessidade de expelir de minha alma o menor desejo desrespeitoso, achando-se esse rosto por alguns minutos ainda mais perto dos meus lábios, do que dos meus olhos.

A prova concludentíssima de que Anica não é angélica, está em que a operação me pareceu tão dolorosa como demorada.